

O LÚDICO NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LUCIANE RODRIGUES GOMES¹

EINETES SPADA²

Resumo

O estudo procurou demonstrar, num breve contexto histórico, como se deu o processo de aquisição de uma segunda língua, com foco na língua inglesa, a utilização de atividades lúdicas para melhor compreensão dos educandos, com base nos estudos e experimentos dos teóricos precursores de tais atividades. O ensino da Língua Inglesa no Brasil passou por diversos conflitos, mas um feito que contribuiu para a popularização da Língua Inglesa no Brasil, foi a criação do Colégio D. Pedro II, no ano de 1873, no Rio de Janeiro, que desde o princípio ofertou a Língua Inglesa, assim como o latim, francês e grego. A grande dificuldade apresentada pelas escolas da época era a falta de didática. Incluir a língua inglesa na Educação Infantil, quando ainda as crianças estão desenvolvendo sua língua materna, torna a aprendizagem mais rápida e completa, pois a criança passa pelo mesmo processo de aprendizagem enquanto adquire as duas línguas (a materna e a estrangeira) e torna-se fluente em ambas, tudo isso no tempo que iria demorar para adquirir apenas a língua materna. Aprender uma língua adicional na infância propicia o desenvolvimento da área cognitiva na criança, obviamente nem todas as crianças desenvolvem-se ao mesmo tempo, mas mesmo assim, a capacidade de ela organizar a estrutura da L1 e L2 e expressar-se dentro de ambas as línguas é impressionante. Evidencia-se que quanto mais cedo o contato com a língua inglesa mais fácil será a aprendizagem da criança de uma segunda língua.

ABSTRACT

The study sought to demonstrate, in a brief historical context, how the process of acquiring a second language took place, with a focus on the English language, the use of playful activities for a better understanding of students, based on the studies and experiments of the precursors of such activities. The teaching of the English language in Brazil went through several conflicts, but the achievement that contributed to the popularization of the English language in Brazil was the creation of College D. Pedro II, in 1873, in Rio de Janeiro, which since the beginning it offered the English language, as well as Latin, French and Greek. The great difficulty presented by schools at the time was the lack of didactics. Including the English language in Kindergarten, when children are still developing their mother tongue, makes learning faster and more complete, as the child goes through the same learning process while acquiring both languages (the mother tongue and the foreign one) and becomes fluent in both, all this in the time it would take to acquire only the mother tongue. Learning an additional language in childhood provides the development of the child's cognitive area, obviously not all children develop at the same time, but even so, the ability to organize the structure of L1 and L2 and express themselves within both languages is awesome. It is evident that the earlier the contact with the English language, the easier it will be for the child to learn a second language.

¹ Acadêmica do Curso de licenciatura em Letras Português/Inglês, pela Faculdade de Ampère-FAMPER. E-mail: lucianerodrigues872@gmail.com

² Graduada em Letras/Inglês pelas Faculdades Integradas de Palmas (Pr.). Pós graduada em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa. Pós graduada em Docência do Ensino Superior. Mestrado em Teoria da Literatura pela UNIANDRADE – Ctba (Pr.) einetes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Através da evolução tecnológica o mundo tornou-se um lugar globalizado. As distâncias parecem ter encurtado e o contato com diferentes culturas e línguas tornou-se algo diário. Dominar uma segunda língua deixou de ser algo necessário apenas para quem pode realizar viagens internacionais.

Nunca antes a cultura inglesa se fez tão presente em nossa sociedade. Algumas palavras de origem inglesa, já fazem parte do dia a dia das pessoas e elas nem percebem que são de origem estrangeira, como é o *caso de moto boy, hot dog, milk shake e pen drive*. Com as crianças não é muito diferente, elas estão desde cedo cercadas de jogos, músicas e desenhos com conteúdo e até mesmo palavras e expressões em inglês.

A inclusão do Inglês no currículo deve-se à função que desempenha na sociedade, tendo em vista sua importância em um mundo cada vez mais globalizado. Cada vez mais pessoas estudam e falam a língua inglesa em todo o mundo. Espera-se despertar nos alunos o gosto pelo idioma, utilizando-se de atividades lúdicas, apresentando uma proposta de trabalho que possa criar condições de educando superar uma visão restrita de mundo e aprimorar sua capacidade com o ensino de uma segunda língua, ampliando significativamente sua inserção no espaço em que vive.

Faz-se necessário valorizar o ensino de inglês, procurando meios de facilitar a aprendizagem, levando o educando a reconhecer a importância de aprender um segundo idioma e a influência deste no nosso dia-a-dia, e, também pelo fato de que a língua inglesa tornou-se um dos principais veículos de comunicação nos meios diplomáticos, no comércio mundial, nas competições esportivas, na internet, etc. Por isso é de suma importância conhecer a linguagem inglesa para não se sentir isolado no mundo globalizado.

Portanto, é fundamental que o educador use metodologias agradáveis, e/ou atrativas ao educando, através de estímulos auditivos, visuais, figuras, jogos, entre outros. Ou seja, através da ludicidade pode-se transformar o educando em um verdadeiro aprendiz, aquele que sabe analisar e interpretar o que lê, ouve e fala.

O educador é uma das principais fontes de motivação e exerce um papel significativo na questão sócio-afetiva do aluno. De acordo com Almeida, (1999, p. 42) “A

afetividade tem um papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade da criança, que se manifesta primeiramente no comportamento e posteriormente na expressão”.

O filtro afetivo do aluno pode tornar-se um aliado para o aprendizado de uma segunda língua ou um vilão, isso irá depender do trabalho realizado pelo professor. As crianças diferentemente de jovens e adultos não tem medo de errar ao pronunciar uma palavra na língua inglesa, isso é um dos pontos positivos. Entretanto, se corrigida de forma errada, ela pode retrair-se e ter perdas significativas no seu vocabulário e meio de expressão.

O ambiente escolar na Educação Infantil deve ser criativo, proporcionando o desenvolvimento integral dos estudantes. Além é claro, de necessariamente ser um lugar acolhedor, onde errar é permitido e sinônimo de crescimento.

Este estudo procura demonstrar, num breve contexto histórico, como se deu o processo de aquisição de uma segunda língua, com foco na língua inglesa, a utilização de atividades lúdicas para melhor compreensão dos educandos, com base nos estudos e experimentos dos teóricos precursores de tais atividades. Buscou-se também, demonstrar diversas práticas lúdicas em sala de aula, como o processo de avaliação delas.

Para efetuar a aprendizagem da língua inglesa, torna-se indispensável utilizar-se de métodos e técnicas que facilitem o processo de aquisição dela, além do estímulo que, como educador, deve-se dar ao aluno, para que este se sinta seguro de seu aprendizado e consiga contextualizá-lo com sua realidade, e assim, aumentando sua percepção como ser humano.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL ATRAVÉS DA HISTÓRIA

A Língua Portuguesa e a Inglesa estão envolvidas desde o início da formação do Brasil, acredita-se que o primeiro contato entre as línguas tenha ocorrido ainda em 1530 quando William Hawkins desembarcou na costa brasileira. A notícia de que haviam riquezas na nova terra acabou se espalhando e outros bretões atracaram nos portos brasileiros em busca do pau-brasil.

Entretanto, foi o Bloqueio Continental criado em 1806, que estabeleceu relações enriquecedoras entre os dois países. Este bloqueio impedia todos os países na parte Europa Continental de desenvolver qualquer projeto comercial com a Inglaterra. Porém, como Portugal dependia muito das relações que tinha com os ingleses, acabou não assinando esse tratado, criando conseqüentemente, inimizade com os Franceses.

Dom João VI, no intuito de evitar a guerra com os Franceses e de ser destituído do poder, decidiu fugir para o Brasil, com o apoio da Inglaterra, entretanto, os ingleses exigiram diversos privilégios para realizar a escolta da família real.

Um deles foi reservar à marinha britânica o domínio comercial, representa o fim do monopólio de exclusividade do comércio no Brasil com Portugal. Logo depois, os ingleses realizaram outras duas exigências de grande porte, o Tratado de Comércio e Navegação, que previa uma taxa de 15% nos produtos que chegavam da Inglaterra e 24% para os demais. Além é claro do acordo Aliança e Amizade, no qual o governo luso concordava em acabar com a escravidão.

Portanto, cada vez mais os ingleses ganhavam espaço e contribuíam para a economia do país, chegando na época criar mais de trinta estabelecimentos comerciais. Tão grande foi a necessidade de haver comunicação com os ingleses que em 22 de junho de 1809, o príncipe regente de Portugal assinou um decreto que autorizava a criação de duas escolas no Brasil, uma de língua francesa e outra de língua inglesa.

E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesas e inglesas, como aquelas que entre vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra inglesa. (OLIVEIRA, 1999 apud FARIA, 2013, p. 14).

Ficou claro com esse decreto que o objetivo principal do ensino de Língua Inglesa nessa época foi formar a mão de obra que atendia as reais necessidades do mercado para impulsionar ainda mais as relações comerciais do país.

O ensino da Língua Inglesa no Brasil passou por diversos conflitos, mas um feito que contribuiu para a popularização da Língua Inglesa no Brasil, foi a criação do Colégio D. Pedro II, no ano de 1873, no Rio de Janeiro, que desde o princípio ofertou a Língua Inglesa, assim como o latim, francês e grego. A grande dificuldade apresentada pelas escolas da época era a falta de didática.

Assim que a importância do inglês foi se transformando (de requisito para comunicação no trabalho a critério de inserção a cursos superiores), o enfoque da educação também mudou, as pessoas já não buscavam somente a oralidade e as escolas preocupavam-se em atendê-las. Em 1889, o ensino brasileiro passa por reformas pouco positivas criadas por Benjamin Constant, o ensino de línguas estrangeiras passa a ser facultativo no país. Entretanto ocorre novamente outra mudança em 1892, com o afastamento do ministro.

Amaro Cavalcanti, em 1898, prioriza o ensino filosofia, grego e latim, e o inglês novamente torna-se uma disciplina não obrigatória. Ao mesmo tempo o importantíssimo Colégio D. Pedro II, torna-se profissionalizante, o que afeta o ensino da Língua Inglesa. O cenário do ensino da língua moderna só vem mudar em 1930, com a Segunda Guerra Mundial.

Em 1930 é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, e em 1931, foi introduzida a reforma chamada de Francisco de Campos, onde a carga horária de latim foi reduzida, aumentando assim respectivamente a carga horária da Língua Inglesa, definindo pela primeira vez um método padrão a ser seguido o “método direto”. Ainda na década de trinta, os primeiros cursos livres de Língua Inglesa foram surgindo no país.

Importante também foi a revolução Capanema para o ensino das línguas modernas, que dividiu os ciclos entre “ginásio”, com duração de quatro anos e tinha sua atenção voltada para o estudo das ciências, já o outro, chamava-se de “clássico” e durava três anos, enfatizava mais as línguas clássicas e modernas. Com essa mudança, no período de 1942 a 1961 a carga horária das línguas estrangeiras foi reduzida.

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) promoveu a descentralização do ensino e o organizou em 1º e 2º graus, o ensino das línguas estrangeira deixou de ser obrigatório novamente e passou a ser optativa.

[...] a falta de obrigatoriedade do ensino de línguas nas escolas, formalmente colocada na LDB de 1961, foi um retrocesso para o desenvolvimento do ensino de língua estrangeira no Brasil. Apesar de todos os setores da sociedade reconhecerem a importância do ensino de língua estrangeira, as políticas educacionais não asseguraram uma inserção de qualidade desse ensino em nossas escolas. Em busca dessa qualidade, as classes privilegiadas sempre procuraram garantir a aprendizagem de línguas nas escolas de idiomas ou com professores particulares, mas os menos favorecidos continuaram à margem desse conhecimento e habilidades de uso

correspondentes (MACHADO; CAMPOS; SAUNDERS, 2007, s/p apud CAMARGO; SILVA, 2017).

Na LDB³ de 1971, a segunda língua não sofreu muitas alterações, continuou sendo optativa, mas o ensino passou a ser ofertado como fundamental e médio. É somente na LDB de 1996 que o ensino da língua estrangeira passa a ser obrigatório a partir da quinta série (hoje sexto ano). Porém, a LDB de 1996 não foi completa e se fez necessário novos respaldos com o PCN⁴ de 1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais- Ensino Médio, 2000.

2.2 ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fazendo parte da primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil abrange a creche e também a pré-escola, atendendo crianças de 0 a 5 anos de idade. Segundo a LDB, promulgada em 20 de dezembro de 1996, artigo 29, a educação infantil tem como finalidade o “desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social[...]”.

Apesar de tanta influência cultural e econômica em nosso país, não existe uma legislação que ampare o ensino da língua estrangeira na Educação Infantil. Mesmo estudos apontam que, quanto mais cedo a criança for exposta à segunda língua e receber os estímulos corretos, maior facilidade ela terá para aprendê-la.

Incluir a língua inglesa na Educação Infantil, quando ainda as crianças estão desenvolvendo sua língua materna, torna a aprendizagem mais rápida e completa, pois a criança passa pelo mesmo processo de aprendizagem enquanto adquire as duas línguas (a materna e a estrangeira) e torna-se fluente em ambas, tudo isso no tempo que iria demorar para adquirir apenas a língua materna.

Aprender uma língua adicional na infância propicia o desenvolvimento da área cognitiva na criança, obviamente nem todas as crianças desenvolvem-se ao mesmo tempo, mas mesmo assim, a capacidade de ela organizar a estrutura da L1 e L2 e expressar-se dentro de ambas as línguas é impressionante.

Durante o processo de aquisição é normal as crianças misturarem as línguas, pois as estruturas e regras gramaticais ainda estão sendo compreendidas e

³ Lei de Diretrizes e Bases.

⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais.

adquiridas. A criança faz isso por falta de saber como expressar-se, ou até mesmo por desconhecer a palavra no idioma alvo. Assim que suas habilidades vão aumentando, esses pequenos deslizes vão ficando para trás. Porém, é importante ressaltar que a mistura e troca de línguas é algo normal que ocorre mesmo na fase adulta.

Segundo Finger e Hübner (2017), “Quanto mais a pessoa for exposta a modelos linguísticos, da norma culta, padrão, de graus de coloquialidade variada, e interagir na segunda língua, maior será a sua chance de se tornar mais e mais proficiente”. O grau da competência linguística pode variar de acordo com a frequência e qualidade em que o aluno é exposto a Língua Inglesa, como também pela utilização da língua e principalmente pela motivação pessoal e do meio.

2.3 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESTRANGEIRA NA CRIANÇA

Historicamente o estudo/ensino de um idioma estrangeiro esteve ligado ao aspecto gramatical, ou seja, uma das primeiras abordagens com relação à aquisição de uma língua estrangeira foi a corrente Behaviorista, na qual “A aprendizagem ocorre quando o comportamento é adquirido – o comportamento novo, o qual é reforçado por um estímulo, seja positivo ou negativo” Lakomi, 2008, p. 22. Ou seja, um comportamento pode ser imitado e aprendido, assim como demais ações do indivíduo.

Tal teoria, defendida por Skinner⁵, afirma que uma pessoa desenvolve conhecimento apenas por meio do estímulo-resposta, imitação e reforço. E ainda, segundo o autor, a melhor maneira de se ensinar a uma criança, seria utilizar-se de um método mecânico, ou seja, programar o conteúdo de acordo com os níveis de dificuldade, onde a cada resposta correta, o aluno receberia um elogio, ficando assim, satisfeito com seu acerto e, portanto, se sentiria entusiasmado para continuar. Por outro lado, se a resposta fosse incorreta, receberia uma advertência, e tal fato amorteceria a continuidade do processo.

⁵ Burrhus Frederic Skinner criou uma ‘máquina de ensinar’ e o método de ensinar por meio de treinamento programado, através da exposição do material didático ao aluno em etapas que obedecem uma sequência crescente de dificuldade, onde a superação de cada etapa deve retornar prontamente do professor (feedback) para que o aluno saiba se pode ou não progredir ao novo estágio do treinamento.

Entretanto nas décadas de 1970 e 1980, estudiosos como Albert Bandura perceberam uma complexidade maior no processo de aprendizagem do que a teoria defendida por Skinner. Bandura desenvolveu então a Teoria Cognitiva Social, na qual propõe que o processo de aprendizagem depende da interação de diversos fatores, tanto pessoais, ambientais, físicos, assim como fatores comportamentais. Ou seja, o autor, considerou como “simplista” a teoria de que o meio pudesse levar ou a produzir mudanças de comportamento, e a partir disto “procura enfatizar a interação de vários fatores que não só influenciam, mas também são influenciados uns pelos outros no processo de aprendizagem de um novo comportamento.” Lakomi (2008, p.25).

Já a teoria piagetiana baseia-se em um estudo, no qual o ser humano, primeiramente adquire conhecimento e, como consequência, desenvolve sua inteligência. Para Piaget, conforme Lakomi (2008, p.30):

como mecanismo de adaptação do indivíduo a uma situação inusitada, a inteligência implica o desenvolvimento contínuo de estruturas que viabilizem a adaptação do organismo ao meio. Daí a capacidade das pessoas em desenvolverem o seu intelecto pelos estímulos oferecidos pelo ambiente, bem como pela complexidade de exercícios que realizam.

Outras abordagens surgem e diversos estudos foram realizados, a fim de entender o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras.

Então, ao longo dos anos 80, estudiosos europeus verificaram que, se o indivíduo possuir um pequeno conhecimento lexical e gramatical, deve-se então, estimulá-lo a produzir narrativas, dos mais diversos assuntos, pois, uma vez inserido num assunto que não seja escolar, e no qual precisa se comunicar num outro idioma, o aluno acaba se esforçando para entender e se fazer entender na nova linguagem.

Conclui-se, que todas as teorias e seus precursores, contribuíram para os avanços no campo do ensino da língua estrangeira, e servem de referências e estímulo para que se encontre a melhor maneira de se adequar os métodos utilizados ao longo dos tempos, aos conteúdos.

2.4 O LÚDICO NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Após os estudos e teorias demonstradas até então, torna-se imprescindível recorrer às contribuições de outros estudiosos, para inserir a ludicidade na aprendizagem de uma nova língua.

Como Rizzo (2001, p. 40): " A atividade lúdica pode ser, portanto, um eficiente recurso aliado do educador, interessado no desenvolvimento da inteligência de seus alunos, quando mobiliza sua ação intelectual."

A linguagem lúdica permite aos alunos, de qualquer idade, a explorarem sua própria imaginação, e promove a autoestima, pois alguns deles apresentam grande receio e dificuldade no ato de se comunicar, e, através dos jogos e brincadeiras, o desenvolvimento da língua pode fluir naturalmente.

A ludicidade é um fenômeno inerente ao ser humano e traz oportunidades de encontro consigo mesmo e com seu semelhante, pois segundo Nunes (2004), as atividades lúdicas agem diretamente sobre a personalidade do indivíduo, desenvolve as funções psicológicas, morais e intelectuais, também influencia tanto crianças, quanto jovens e adultos, pois todos gostam de aprender e, simultaneamente, divertir-se.

Logo, a ludicidade é benéfica aos educandos e propicia, momentos de autopercepção, autoconhecimento e conhecimento do outro. Percebe-se, então, que o lúdico promove interação entre professor/alunos e conteúdos, facilita o ensino/aprendizado e também estimula o interesse dos educandos. Enfim, por meio de atividades lúdicas é que o aluno aprende com prazer, e muitas vezes, sem ter consciência de que ele está aprendendo.

Assim, segundo Almeida (1990, p.60):

Conduzir a criança à busca, ao domínio de um conhecimento mais abstrato misturando habilmente uma parcela de trabalho, (esforço) com uma boa dose de brincadeira transformaria o trabalho, o aprendizado, num jogo bem-sucedido, momento este em que a criança pode mergulhar plenamente sem se dar conta disso.

É intrínseco, nas crianças, o gosto pelo ato de explorar o universo que as rodeia e procurar nas atividades que lhes dão prazer, a satisfação de conhecer, partindo de deduções e suposições sobre a constituição, aplicação e administração dos objetos, pois vivendo num ambiente estimulante, vão construindo prazerosamente seu conhecimento de mundo. Assim, é preciso compreender que o trabalho escolar deve

ser mais que um jogo e menos que um trabalho restrito, ou seja, um equilíbrio entre o esforço e o prazer, instrução e diversão, educação e vida.

Para Kishimoto (2002, p. 36-37):

(...) Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem. Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora (...).

Logo, comprova-se que o jogo é fundamental no desenvolvimento da criança, devendo ser um processo contínuo na educação dos indivíduos. Ainda, considerando a complexidade de desenvolver textos e comunicar-se na língua alvo, bem como da relação entre educadores e o ensino lúdico da língua, como também da necessidade do uso da norma culta, é que se percebe que é preciso preparar formas de ensino que trabalhem o conteúdo pedagógico, oferecendo estímulo e interesse, para então proporcionarem assimilação.

Portanto, a linguagem lúdica não pode nem deve ser usada para passar o tempo, como se não tivesse nenhum valor pedagógico, de acordo Vygotsky "não existe brinquedo sem regras. A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori" (Vygotski, 1930, p. 124-125). Sendo assim, faz-se necessário estabelecer regras até mesmo para jogar e/ou brincar. E é justamente através dos jogos e brincadeiras que o aluno tem a oportunidade de perguntar, transformar e expressar seus desejos, esquecendo, em muitos casos, da situação difícil em que vive.

Sabe-se que grande parte da população escolar sobrevive com dificuldades de ordem sócio econômicas, e algumas crianças inclusive, sofrem maus tratos, além das necessidades básicas de habitação, higiene, saúde e alimentação.

A escola, nesses casos, pode ser uma fuga da realidade, um local onde busca-se, (além do conhecimento) inclusão, socialização, momentos felizes e prazerosos. Por isso, além dos momentos de alegria e descontração que normalmente ocorrem durante os recreios, estes devem ser priorizados também em sala de aula, por meio

de estímulos proporcionados através de atividades lúdicas, as quais facilitam o aprendizado da língua estrangeira, tornando assim, os alunos mais interessados e participativos. “A maior parte das crianças em situação de fracasso são as de classe popular e elas precisam ter prazer em estudar; do contrário, desistirão, abandonarão a escola, se puderem. [...]” (SNYDERS, 1988, p. 37)

Logo, conclui-se, como já citado, a necessidade do uso do lúdico, entendido como uma forma prazerosa de ensinar e aprender, como afirma Fortuna (1999, p. 46): “A atividade lúdica é certamente, uma das alternativas para promover a qualificação do processo ensino aprendizagem na escola, pois pode conjugar prazer com êxito na aprendizagem”.

2.5 ATIVIDADES LÚDICAS PARA SER TRABALHADAS EM SALA DE AULA

Como atividades praticadas em sala de aula, pode-se trabalhar com várias linguagens, tais como: música, cinema, jogos educativos on-line, caça-palavras, cruzadinhas, forca, entre tantos outros. Porém, valorizando o estudo das quatro habilidades básicas da língua inglesa (reading, speaking, writing e listening).

Atividades com músicas, por exemplo, despertam o desenvolvimento da habilidade auditiva. Mas a escolha da música (assim como de qualquer outra atividade lúdica), não deve ser feita de modo aleatório; a canção deve ser o instrumento pelo qual se transmite determinado conteúdo; ao contrário, não surtirá o efeito para o qual se destina, ou seja, a aprendizagem.

Um bom exemplo, dentro da linguagem musical, é a utilização da música *She loves you*, da banda britânica, *The Beatles*, para explorar, além do listening e do estudo do vocabulário, os tempos verbais presente e passado simples. A opção por esta canção, além dos propósitos já citados, deve-se também, ao fato de tratar-se de um clássico no cenário da música mundial, e clássicos, como tais, devem se perpetuar.

As habilidades de compreensão da leitura, da fala, da escrita e da audição, são bem recebidas pelos educandos e obtêm bastante êxito, quando a proposta é assistir a filmes, pois, pode-se elaborar um bom trabalho unindo estas quatro habilidades presentes na linguagem inglesa. Um bom exemplo de atividade é “*Follow that Bird*” (Onde está o Garibaldi?), *Take that Bird*, Infantil, EUA/Canadá, 1985, 88min.; COR.

Direção: Ken Kwapis. Trata-se de uma das mais importantes obras dos produtores do programa de TV Vila Sésamo. O filme mostra a linguagem infantil e adulta, retratando temas como amizade e expressões relativas à família.

Os jogos online como ADJECTIVES, ACTION VERBS CATCHING e ALPHABITS SCRAMBLE encontrados no site www.educacao.pr.gov.br, no portal dia a dia educação tem, respectivamente, o objetivo de aumentar o vocabulário relativo aos adjetivos e seus antônimos; usar corretamente os verbos de ação; e aumentar o conhecimento de vocabulário e ortografia. Outras atividades, encontradas no site www.bogglesworldesl.com, como cruzadinhas, caça-palavras, cartões, planilhas, enfim, há vários recursos, os quais podem ser utilizados para trabalhar diferentes conteúdos.

Tiras em quadrinhos e desenhos em geral também enriquecem em muito na realização das tarefas, pois é possível efetuar uma ótima aula, quando se utiliza de personagens populares e adorados pelos alunos. Por exemplo, numa aula sobre Nouns (substantivos), são apresentadas tiras, para enfatizar o ensino dos substantivos, e tornar a aula mais atrativa aos educandos.

Outra experiência bem sucedida, a qual não necessita de nenhuma mídia tecnológica para ser executada, apesar de alguns sites oferecem este aplicativo, é a brincadeira de força, onde se escolhe um tema, um assunto sobre o qual é escolhida uma palavra (secreta) que os jogadores devem descobrir, letra por letra. Toda turma pode participar e a “força” pode ser desenhada no quadro, ou no caderno, brincando em dupla, ou em grupos.

Enfim, existem muitos recursos lúdicos, que podem ser explorados e trabalhados, a fim de tornar as aulas de inglês mais dinâmicas, atraentes e educativas. Logo, a ludicidade não deve ser interpretada como estratégia impossível de ser trabalhada, pelo contrário, pode sim, ser responsável por um trabalho bastante auspicioso, desde que sua proposta seja trazer conhecimento ao educando, salientando que, para o sucesso numa atividade lúdica, a prática depende de um pré-conhecimento teórico.

2.6 A AVALIAÇÃO NAS ATIVIDADES LÚDICAS EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Conforme visto no item anterior, encontra-se o sentido para o uso de práticas pedagógicas em diversas formas de linguagem como o desenho, música, escrita,

cinema, entre outros. E em todas essas práticas encontramos a ludicidade como forma de expressão do ser humano.

As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde início, inteiramente marcadas pelo jogo [...]. É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatá-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. [...] por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é o jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria o outro mundo, um mundo poético, ao lado da natureza, um mundo lúdico. (HUIZINGA, 1980, p.07)

Através desta abordagem, observa-se que o jogo e a brincadeira são muito significativos e que o brincar é uma das linguagens mais sérias para a construção da individualidade no processo de desenvolvimento do ser humano.

Para Heinkel (2003, p.67): "[...] brincar não significa simplesmente divertir-se, isso porque é a maneira mais completa com que a criança se comunica consigo mesma e com o mundo, produzindo conhecimento". Assim, pode-se considerar que as atividades lúdicas são ações pedagógicas eficazes, e sua avaliação deve ser registrada em tudo o que o educando produz ou assimilar, através das atividades propostas.

Faz-se então, necessário destacar as palavras de Mosorov e Martinez (2008, p. 98), quando as autoras dizem que "na avaliação, o processo deverá ocorrer de forma que se verifique se houve aprendizagem significativa". Portanto, esta atitude compreende avaliar a própria especificidade da prática avaliativa, ou seja, refletir sobre o brincar, sobre o lúdico e suas manifestações no contexto educacional.

O ato avaliativo "trata-se de uma função inerente do momento educativo, e, portanto, indissociável, constituindo-se como problematização, questionamento e reflexão sobre o próprio ato de educar". (HOFFMANN, 2006, p.15).

De acordo com PCN'S, (1998, p. 107) quanto as orientações para avaliação formativa, o texto diz o seguinte:

Os alunos e o professor são as fontes de informação no contexto de avaliação formativa. O principal instrumento é a observação sistemática pelo professor: observação de si mesmo e do aluno, no que se refere à realização das tarefas, à colaboração com os companheiros e com o professor, às atitudes e à motivação.

A avaliação das quatro habilidades básicas da língua pode ser realizada em conjunto ou pode ser priorizada a análise de apenas uma delas, conforme o plano

docente (e os seus objetivos) de cada escola, pois, de acordo com Mosorov (2008, p.91): “O aluno precisa ter contato com diferentes formas de avaliação para que possa desenvolver o processo de aprendizagem e conseqüentemente a avaliação seja satisfatória para o seu desempenho”.

3 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, com análise de artigos e livros, tendo como o objetivo de explicar e construir hipóteses, aprimorando as ideias apresentados no corpo do texto.

Segundo Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”.

Conforme o tema abordado, buscou-se fazer um levantamento sobre a ludicidade na aprendizagem da Língua Inglesa, a fim mostrar como ocorre a efetivação do conhecimento através de atividades lúdicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, diante do desenvolvimento deste artigo, que a ludicidade traz inúmeros benefícios aos alunos, além do aprendizado, o qual se apresenta como finalidade maior deste estudo.

A ludicidade, como proposta de novas experiências em sala de aula, transformando uma aula comum em diferente, adequando os conteúdos ao planejamento, tais como: cartas que podem ser representadas através de desenhos ou, até mesmo, receitas culinárias, que irão promover grande conhecimento para as crianças.

Observa-se, com as atividades referentes à ludicidade, que o universo lúdico é uma fonte inesgotável de informação, diversão e conhecimento; desde que haja interesse, atitude e comprometimento do educador em desbravar este “mundo”; e pode-se concluir que é fascinante e envolvente trabalhar os conteúdos podendo despertar nos alunos a curiosidade, a imaginação e o prazer de aprender brincando.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas/SP: Papyrus, 1999.

BRASIL. Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BRASIL. Lei Nº9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 01 jun. 2021.

CAMARGO, Gladys Quevedo; SILVA, Gutemberg. **O inglês na educação básica brasileira: sabemos sobre ontem; e quanto ao amanhã?**1. *ETR*, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 258-271, 2017. Disponível em: <file:///E:/Leticia%20documentos/Downloads/7500-26036-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

CARVALHO, A.M.C. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

CARNEIRO, Nathalia Muniz. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Brasil Escola**, [s. l.], 6 maio 2019. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/o-ensino-lingua-inglesa-na-educacao-infantil.htm>> . Acesso em: 13 jun. 2021.

FORTUNA, Tania Ramos. **Matemática Integrada e Literatura. Ensino da Cartografia através do jogo, educação infantil no município, adolescente debatem educação sexual**. Janeiro a março de 1999, ano XV, Nº 57, v. 14, p. 46-48.

FERNANDES, Lyerka Kallyane Ramos. **Método De Pesquisa Qualitativa: Usos e Possibilidades**. Psicologado, [S.l.]. (2014). Disponível em: <<https://psicologado.com.br/psicologia-geral/introducao/metodo-de-pesquisa-qualitativa-usos-e-possibilidades>> . Acesso em: 18 jun. 2021.

FINGER, Ingrid. HÜBNER, Lilian Cristine. **5 mitos e evidências sobre educação bilíngue para crianças**. 2017. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/2017/01/27/5-mitos-e-evidencias-sobre-educacao-bilingue-para-criancas/>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

GOMES, Tainara Freitas. **Aquisição da Segunda Língua na Primeira Infância: A Língua Inglesa na Educação Infantil**. Orientador: Neron Alípio Berghauser. 2013. 41

p. Monografia (Especialista na Pós Graduação em Educação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira- Paraná, 2013. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2259/1/MD_EDUMTE_VI_2012_24.pdf>. Acesso em: 31 maio 2021.

HEINKEL, Dagma. **O brincar e a aprendizagem na infância**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: As setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

KISHIMOTO, Tizuco, Morchida. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira. 2002.

LAKOMY, A. M. **Teorias cognitivas da aprendizagem**/Ana Maria Lakomy. 2ª ed. rev. e atual – Curitiba: Ibpex, 2008

LIMA, de Denilso. **Como começou o ensino de inglês no Brasil?. Inglês na ponta da língua**, 2017. Disponível em: <[https:// www.inglesnapontadalingua.com.br/](https://www.inglesnapontadalingua.com.br/) >. Acesso em: 04 de jun. de 2021.

MARTINS, Everton. **Formatar TCC: o Guia completo para as normas da ABNT. Metzzer**, 2016. Disponível em: < <https://blog.mettzer.com/guia-completo-para-formatar-tcc-nas-normas-da-abnt/>>. Acesso em: 31 de mai. de 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Assinatura digital, nº 2.200-2 de 24/08/2001**. [S. l.], 18 jun. 2020. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=08/10/2018&jornal=515&pagina=43>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

NUNES, Ana R. S. Carolino de Abreu. **O Lúdico na Aquisição da Segunda Língua** (2004). Disponível em: [http://www.linguaestrangeira.pro.br /artigospapers /ludicolinguas](http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigospapers/ludicolinguas) Acesso em 18 de junho de 2021.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs). Língua Estrangeira. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. São Paulo: Cortez, 2002.

RIZZO, Gilda. **Jogos inteligentes: a construção do raciocínio na escola natural**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Berttrand Brasil, 2001.

SNYDERS, Georges. **A Alegria na Escola**. São Paulo, Ed. Manole LTDA., 1988.

VYGOTSKY, L. S. (1930). **A Formação Social da Mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Apeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998

1808: A história da chegada da família Real de Portugal no Brasil. **Blog do Enem**, 2018. Disponível em: <tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>. Acesso em: 01de jun. de 2020.